



Pioneira, na América Latina, em matéria de terapêutica ocupacional, uma psiquiatra brasileira relata a sua experiência no convívio com os doentes mentais

MINHA VIDA NA CASA DA SOLIDÃO

Pela Dr.^a NISE DA SILVEIRA

Tudo impressiona, na psiquiatra Nise da Silveira. Seu físico delicado, sua maneira discreta de trajar, a seriedade e a ternura que põe em cada gesto, desde que se trate de qualquer coisa relacionada com seus doentes mentais, de que cuida por um período de quase 35 anos, só interrompido pela prisão e demissão do serviço público, na época do Estado Nôvo. Mas, acima de tudo, o que impressiona na Doutora Nise da Silveira é a voz tranqüila, serena e segura, de quem transmite convicções bem sedimentadas. Amiga de Graciliano Ramos — amizade feita na prisão — ela parece ter assimilado do grande escritor o estilo metucioso e grave. Um relatório anual de sua autoria sobre o Serviço de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, que dirige há mais de 20 anos, é uma peça quase literária, que pouco tem a ver com os formais relatórios de serviço público. Nise da Silveira não tem clínica particular: dedica todo o seu trabalho à terapêutica ocupacional do Centro Psiquiátrico (federal) e da Casa das Palmeiras, sociedade beneficente que vive do que os doentes podem pagar, das contribuições dos sócios e de festinhas que ela mesma organiza. A Casa é parcialmente administrada pelos doentes.



Isaac, paciente do Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro (já falecido), deixou três mil trabalhos. Seu lirismo delirante o coloca entre os grandes artistas, doentes ou não.

A Dra. Nise da Silveira relata a impressionante transformação de uma esquizofrênica, salva para a vida pela terapêutica ocupacional



O progresso clínico do paciente Diniz transparece nesta seqüência de quadros: no primeiro, tudo é caos. No segundo, já a mente isola os objetos. No terceiro, nota-se um sentido de composição. No quarto, finalmente o artista revela o seu mundo mental plenamente organizado.

SEMPRE me pareceu inteiramente sem importância fazer um diagnóstico e pôr um rótulo numa pessoa. Esquizofrenia... esquizofrenia... esquizofrenia. Isso não diz nada. O fundamental é o encontro com aquela pessoa. A certa altura, me pareceu que a esquizofrenia não é uma doença propriamente dita, com as características clássicas das doenças. A esquizofrenia resulta de cisões internas e rupturas com o mundo exterior, causadas por situações extremas, demasiado fortes para certos indivíduos. São eles, na maioria, frágeis para suportar o que nós outros suportamos — talvez até por serem melhores do que nós.

Em 1946, ao ser transferida para o Instituto de Psiquiatria, no Engenho de Dentro, organizei o Serviço de Terapêutica Ocupacional. Embora o serviço conste de vários setores, como marcenaria, sapataria e outros ofícios, sempre dei muita ênfase às atividades criadoras. Assim, a pintura e a modelagem ocupam lugar de destaque em nossa terapêutica ocupacional. Mesmo nas outras atividades, procuro deixar a mais larga margem possível à iniciativa pessoal, evitando sempre moldes fixos e repetições. Uma coisa que logo verifiquei: a pintura, que de início julgava apenas um caminho de acesso ao mundo interior do doente — uma porta para ver o que acontecia por dentro —, era na verdade, em si própria, um agente terapêutico. Lidando com as imagens do inconsciente, o doente pode confrontá-las e despotencializá-las da força desintegradora que elas possuem, das ameaças que encerram. Vi doentes melhorarem sem nenhum outro tratamento, somente modelando e pintando. Vi, por exemplo, um rapaz altamente dotado, que teve de ser internado quando estava terminando o curso complementar. Ele foi espantado por dentro e rompeu suas relações com o mundo exterior. Vi-o reorganizar-se através da pintura. De início, pintava um amontoado de objetos díspares, inteiramente desorganizados, sem nenhuma estruturação do espaço. Pouco a pouco, por assim dizer, foi retirando esses objetos daquele caos, enquadrando, destacando, isolando. Ele arrumou, então, a sala da casa onde gostaria de morar. Mas, para chegar aí, fez centenas de pinturas, mostrando de início somente soalhos, dando grande ênfase aos rodapés. Depois, punha sobre o piso um aquário, um piano, uma mesa, até que pudesse agrupar todos esses objetos numa estrutura organizada. Ele saiu, realmente, do caos, porque dispunha dessa maneira de se apropriar dos objetos e de situá-los organizadamente no mundo real.

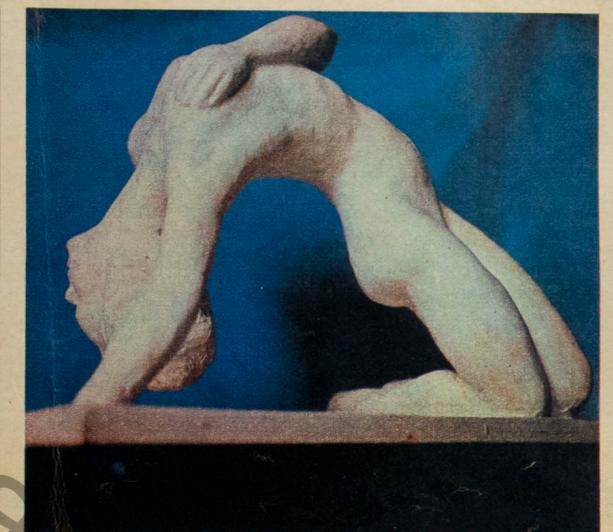
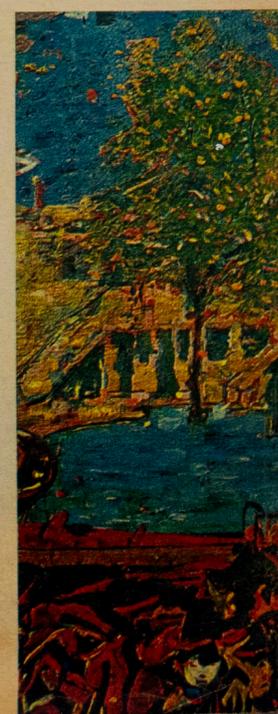
Certa vez, um rapaz de 22 anos contou-me muito angustiado que todas as manhãs, quando se olhava ao espelho, via o contorno de seu rosto perder a nitidez. Nariz, órbitas, apagavam-se. A face lisa, imberbe, parecia-lhe uma fruta. Tinha a convicção de que em breve se transformaria num vegetal. Entretanto, lutava, juntando as forças que ainda lhe restavam, para preservar a sua condição de homem.



Outro grande artista revelado no



Centro Psiquiátrico: Emigdio. Alguns críticos de artes plásticas escreveram artigos sobre o seu fantástico mundo pictórico. Doente mental ou não, tem mão de mestre.



A esquerda: singular composição, em que o mundo real e o caos mental se misturam. Em cima: escultura pertencente ao acervo do Centro Psiquiátrico.

**Você vai
compreender
tudo aquilo
que ela
quis dizer.**



**As namoradas
acertam sempre.**

instituto

O célebre Professor Carl Jung, discípulo dissidente de Freud, viu estas composições dos doentes mentais brasileiros, em 1957, em Zurique

O misterioso, mágico mundo de Emigdio, fez com que, a propósito dele, alguns recordassem Van Gogh. Os esquizofrênicos são pessoas mais delicadas que a média; a um choque, experimentam uma ruptura com o mundo real.

A O contrário dele, uma moça, a quem chamaremos Maria, já se havia rendido há muito. Uma vez, pintou formas indiferenciadas em tons rosa e lilás. Entregou o papel à monitora, dizendo, na sua fala quase inaudível, como se traduzisse a mensagem da pintura:

— Eu queria ser flor.
Em outras pinturas, claramente se revelava sua metamorfose vegetal. Numa, a cabeça e os braços são de mulher, o peito é flor de grandes pétalas. Visto o conjunto por transparência sob larga saia, achase o corpo fundido num tronco do qual partem galhos sem folhas e descem raízes. Em outra obra, de um ramo lançado no espaço, nascem flôres; uma delas é a cabeça de uma mulher. E de uma terceira, do cálice de grande flor solta no espaço, emerge a cabeça de uma mulher, com os braços erguidos.

Como e por que acontecem tais transformações do ser, verdadeiras rupturas ontológicas, como passagem até para outros reinos da natureza? A psiquiatria clássica responderá que, na esquizofrenia, o ego fraqueja, afrouxa-se a coesão dos elementos que o constituem, e o indivíduo acaba perdendo seus limites. A identificação vegetal não seria diferentemente significativa da identificação com a cadeira, o bastão ou quaisquer outras coisas, vivas ou inanimadas.

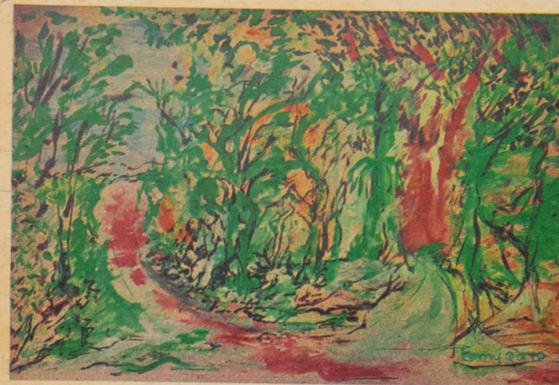
No caso de Maria, talvez seja na mitologia grega que encontraremos a resposta mais esclarecedora. No mito de Dafne, Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do rio Ladão e da Terra. Ela se esquivou, mas o Deus não se conforma em ser recusado. Apolo persegue Dafne, numa corrida louca através dos campos e dos bosques. Fugindo sempre, a ninfa procura refúgio junto à sua mãe, a Terra, que a acolhe e a metamorfoseia em loureiro. Porque a jovem foge desabaladamente do deus que é o padrão de beleza viril, do herói vencedor do dragão Python, do mestre máximo de todas as artes?

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que tão estreitamente se identifica com sua mãe, a ponto de os próprios instintos não lograrem desenvolver-se.

As relações filha-mãe, quando se fazem defeituosamente, poderão conduzir tanto à hipertrofia do instinto materno como ao superdesenvolvimento dos impulsos eróticos ou à atrofia das mais específicas componentes femininas. Neste último caso, "tem lugar completa projeção da personalidade da filha sobre a mãe, devido ao fato de a filha ser inconsciente ao mesmo tempo do seu instinto materno e do seu Eros. Tudo o que lhe faz lembrar maternidade, responsabilidade, relações pessoais e exigências eróticas desperta sentimentos de inferioridade e obriga-a a fugir — naturalmente para junto de sua mãe, que realiza de modo perfeito tudo o que parece inatingível à filha", segundo Jung.

Por estranho que pareça, Maria, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, viveu o mito da ninfa grega Dafne. Era uma pobre moça, filha de camponeses. Fez o curso primário e frequentou uma escola profissional, onde aprendeu variados trabalhos manuais femininos, tornando-se exímia na confecção de flôres artificiais. Era muito apegada aos pais, especialmente à mãe, tímida e sem vaidade. Até os dezoito anos, nunca tinha tido namorado. Nessa idade, enamorou-se. A família fez pressão e Maria cedeu. A situação parecia resolvida e sem maiores conseqüências. Entretanto, pouco depois ela se foi tornando cada vez mais retraída, sombria e irritada. Um dia, súbitamente, estrangulou a gata da casa, que todos estimavam, inclusive ela própria. Uma semana depois, foi presa de intensa excitação psicomotora. De início, apresentava o que chamamos "um quadro clínico confusional". Um mês depois, havia recuperado a lucidez de consciência, e já estava orientada no tempo e no lugar. Mostrava-se indiferente à sua situação, não querendo deixar o hospital. Tinha mímica extravagante, afetividade e iniciativa diminuídas. Diagnóstico: esquizofrenia. Ao longo dos anos, Maria permanecia indiferente ao ambiente, inabordable, inativa, sem que se lhe conseguisse despertar o menor interesse pelas atividades ordinárias do hospital.

Nove anos após seu internamento, precisamente em setembro de 1946, Maria começou a frequentar o atelier de pintura da seção de terapêutica ocupacional, recém-criada. O quadro clínico que apresentava na ocasião era dos mais graves. Apesar de seu constante negativismo, não houve dificuldade para que ela aceitasse pintar. O manejo do lápis e pincéis parecia, mesmo, dar-lhe prazer. Suas primeiras pinturas foram gatos. Gata no Leito apresenta tétas volumosas; o animal parece estar encerrado num vaso, e não num leito; está cerceado dentro de um espaço estreito, constringido de todos os lados. Numa segunda composição, havia a figura da "gata bailarina", livre de exprimir em movimentos de dança os impulsos de sua natureza. Quando vi a pintura, nada sabia sobre a história de sua doença. Só muitos anos mais tarde foi possível levantar êsses antecedentes. Maria não conseguira viver seus instintos



femininos. Apenas eles ousaram timidamente manifestar-se, sua mãe estrangulou-os. Então, como aqueles que se suicidam por vingança, Maria estrangulou a gata, identificando-se com ela. Estrangulou a gata porque esta é, por excelência, o representante simbólico dos instintos femininos. Com efeito, esse animal reúne em si a graça sedutora, a lascívia e o devotamento materno, ao lado de um núcleo de irredutível selvajaria, atributos êsses essenciais ao feminino.

Estrangulados os instintos, cujo desenvolvimento a levariam ao encontro do homem, Maria não conseguiu encontrar outro caminho a não ser o da fuga para o Reino das Mães, isto é, a libido, introvertendo-se violentamente. Seguiu o declive anteriormente preparado pelas suas fixações maternas, até os estratos mais recuados da psique, onde foi constelar e infundir vida àquelas Grandes Mães que estão sempre por trás da mãe pessoal. Assim, sem os embelezamentos poéticos do mito, Maria repetiu Dafne.

Por outros caminhos — e são numerosos os caminhos que até lá conduzem — também Fausto desceu ao Reino das Mães, instigado por Mefistófeles. Fausto acertou voltar dos tenebrosos abismos. Isso acontece a poucos. Maria ficou prisioneira das mães terríveis, cujo poder se mostra irresistível, porque é do fundo do inconsciente que exercem sua ação. Foi sob o domínio das matriarcas onipotentes que Maria sofreu as metamorfoses já referidas, perdendo assim sua liberdade de seguir seu destino de mulher.

Entretanto, um dom lhe foi concedido. Ela teve oportunidade, e conseguiu dar forma às espantosas figuras que haviam invadido o campo de sua consciência. Foi com barro, o mais primordial dos materiais de trabalho, segundo convinha, que Maria modelou as personagens assombrosas, emergidas dos estratos mais profundos do inconsciente. Durante quatro anos, essa foi a ocupação que a absorveu por longas horas, todos os dias. Contudo, sua situação psíquica permanecia muito grave.

As figuras por ela criadas caracterizam-se por um arcaísmo que logo faz pensar nas deusas-mães da idade da pedra. São mulheres corpulentas, majestosas. As primeiras modeladas bem merecem a qualificação de mães terríveis. Uma, em atitude desafiadora, põe para trás as possantes mãos, providas de fortes dedos, semelhantes às fortes pinças de certos crustáceos. Uma outra, ainda mais extraordinária, tem a acentuar seu sobrececho medonho, dois cornos laterais, e empunha uma espécie de cetro tridente. Os cornos, são símbolo de força, poder, fertilidade. Creta, na Mesopotâmia e no Egito.

CORNOS associados ao tridente, atributo de soberania arcaica e índices de triplíce possibilidades de ataque, dão ainda maior ênfase ao caráter de absolutismo majestático dessa grande mãe. Ainda o tridente poderá indicar o triforme, cognome da deusa Hécate, que mais tarde apareceria nitidamente qualificada nos trabalhos de Maria.

Mas aconteceu que, configurando repetidas vezes aquelas grandes matriarcas, fazendo-as voltar ao barro original para em seguida reconstruí-las, objetivando-as diante de si, Maria foi aos poucos despoticizando-as de sua força permanentemente ameaçadora, rigor e possessividade exclusivista. E, na íntima aproximação que é dar corpo a uma imagem com as próprias mãos, a modeladora foi aos poucos descobrindo o outro lado das deusas-mães, seu aspecto compassivo e amoroso. Maria passa a modelar mães de face benévola e que trazem o coração fora do peito.

Dessa maneira, através do demorado trabalho de modelagem, ela travou contato com a dupla natureza das mães. O aspecto devorador e o aspecto amoroso, "the loving and the terrible mother", que a Índia reuniu sábiamente na figura de Kali.

Muito mais tarde, Maria ousou retratar a mais temível dentre todas as personagens que a assediavam — a gigantesca mulher com cabeça de cão, tendo ao lado um homem e uma mulher, que parecem executar passos de dança. Nessa ocasião, já se tornavam perceptíveis algumas melhoras clínicas, e lentamente progredia o seu relacionamento comigo. Disse-me que sonhava todas as noites com aquela horrível mulher, que a via muitas vezes em pleno dia e que lhe tinha grande medo. Também cães vinham, há muito, perseguindo-a. Não é difícil identificar mulher com cabeça de cão. Trata-se de Hécate, mãe terrível, deusa do mundo subterrâneo, dos mortos, bem como divindade noturna e lunar.

Como explicar o aparecimento dessa figura de grande mãe, estreitamente ligada ao cão, entre os trácios, os gregos, os germanos, nas alucinações de uma inculta mestiça brasileira? Se não quisermos recusar os fatos, seremos obrigados a admitir com C. G. Jung que a psique, na estrutura de suas mais profundas camadas, encerra possibilidades comuns de representação, espécie de eixos de cristalização, em torno dos quais se constroem imagens análogas no âmago, embora variáveis nos detalhes das formas que assumam.

**Para escolher entre
estas colônias Atkinsons**



**êle pensou muito
em você.**



**Os namorados
acertam sempre.**

-o toque
que faz a
sobremesa!



Sirva todo dia sobremesa-de-festa com Creme de Leite Nestlé

É creme finíssimo, delicioso. Leve e de fácil digestão, graças ao processo especial Nestlé de homogeneização. Conserva-se puro e inalterável na lata fechada, mesmo fora da geladeira.



CL - RV - 1/67



PARFAIT - Faça uma gemada clara e fôfa com 6 gemas e 2 xícaras de chá de açúcar. Despeje por cima 1/2 litro de leite fervente, 1 xícara de chá de licor de cacau e 8 folhas de gelatina branca dissolvidas em água quente. Deixe esfriar, junte 1 lata de Creme de Leite Nestlé e 150 g de biscoitos champanhe cortados. Leve à geladeira em fôrma própria, desenformando depois de 3 horas.

Receba receitas do produto Nestlé de sua preferência enviando um rótulo do mesmo para a Cx. Postal, 8118 - S.P.

Na Casa das Palmeiras, os próprios doentes participam das tarefas de administração



A imagem da mãe terrível aos poucos se suaviza, nos quadros de Maria.

EIS, porém, que aconteceu algo ainda mais surpreendente. Maria tomou-se de grande afetividade pelos cães, que mantemos no serviço de terapêutica ocupacional, com o objetivo de tornar menos frio o ambiente hospitalar, e oferecer aos esquizofrênicos objetos de amor estáveis e incondicionais. Súbitamente, Maria começou a interessar-se por eles, não se contentando em banhar os da seção, mas indo procurar outros pelas redondezas, para lavar e pentear. Num só dia, chegou a tratar de quinze cães. Esse comportamento durou cerca de quatro meses. Depois, declinou aos poucos. Hoje, ela ajuda a tratar dos animais do serviço, mas sem excessos, mostrando marcada predileção por um deles, Sertanejo, justamente o de maior porte e mais agressivo.

Dir-se-ia que Maria realizou atos de apropriação. Hércules aplacou Cerberus ofertando-lhe bôlos de mel. Assim fez também Psique, na sua viagem ao mundo subterrâneo, quando Orfeu tranqüilizou-o com a música de sua lira. Maria, no Hospital do Engenho de Dentro, cuidando do animal pertencente à grande mãe terrível, parecia estar tentando abrandar sua ira, homenageá-la, ganhar seus favores.

O fato é que desapareceram os sonhos e as alucinações com a mulher de cabeça de cão e simultaneamente ocorria uma mudança sensível na conduta da doente. Não é um caso de magia. Pode-se explicá-lo psicologicamente.

As forças do inconsciente, personificadas nas imagens da mãe terrível e no animal que a acompanha, uma vez objetivadas na pintura ou projetadas sobre os cães reais, tornaram-se passíveis de uma certa forma de trato. Lidando com elas, aquilo que antes era apavorante tornou-se inofensivo. Uma parte, pelo menos, da energia desintegrante que emana dessas imagens foi captada.

Hoje, Maria começa a pintar coisas da realidade. Pintando repetidamente flôres, parece que se esforça por desidentificar-se do ser planta com que se havia confundido, a ponto de perder a própria individualidade. As melhoras clínicas de Maria são surpreendentes. Comunica-se conosco e com vários auxiliares da seção, participa de diversas atividades do hospital, agindo muitas vezes de um modo que se poderá chamar de normal, de todo diferente daquela antiga paciente negativista, recalcitrante, agressiva, que passava horas nos corredores, imóvel como uma estátua sinistra.

EM seu caso específico, não teremos dúvida em afirmar que a modelagem e a pintura funcionaram como instrumentos terapêuticos espontaneamente manejados pela própria doente. Apenas acompanhamos o processo que se desdobrava à nossa frente, perdendo-lhe freqüentemente o fio, em meio a tumultos caóticos, para de novo perceber seu curso, quando ele se achava muito adiante. Esse caso ilustra e evidencia de maneira claríssima a opinião de C. G. Jung sobre o papel possível das atividades plásticas no tratamento da esquizofrenia.

Foi empiricamente que, através das pinturas dos doentes, me aproximei da psicologia de Jung, porque nela encontrei as melhores possibilidades de interpretação da produção dos doentes.

No meu trabalho do Engenho de Dentro, muito me impressionou o número de reinternações. Doentes que saem e voltam para o hospital. Basta dizer que da média de 23 doentes que chegam por dia ao Engenho de Dentro, cerca de 16 são casos de reinternação. É um ciclo infinito que se estabelece. O doente que sai do hospital, com seus sintomas clínicos superados, não está de modo nenhum em condições de enfrentar a vida tal como ela se apresenta. Ele precisa de uma ponte entre o hospital e a vida social. A Casa das Palmeiras é, precisamente, uma experiência de ponte. É um pequeno núcleo, mas contamos com resultados muito animadores, de doentes que se reinternavam freqüentemente e, desde que passaram a freqüentar a casa, não se reinternam, e outros mesmos que conseguiram reabilitar-se, voltando às atividades profissionais anteriores. O que fazemos principalmente na Casa das Palmeiras é propiciar atividades criadoras aos doentes. Lá, sobretudo, eles se sentem à vontade num mundo que lhes facilita a entrada em contato com a vida. A Casa das Palmeiras vive de recursos precários, mas espera-se que continue a se desenvolver. Ainda agora estamos com um problema sério. Ela fecha, todo ano, para um período de férias coletivas dos empregados, que são em número estritamente necessário para o seu funcionamento. Como os doentes fazem parte da administração, eles resolveram que este ano a casa não fechará para as férias. Os empregados estão sem férias não temos substitutos para eles, nem como pagar em dinheiro esse benefício social. Mas, creio que isso também se arranjará.

A Casa das Palmeiras é uma instituição beneficente, sem fins lucrativos, e funciona como experiência pioneira na América Latina. Vive de clientes que pagam de acordo com suas possibilidades, de mensalidades dos sócios e de rendas de festas. Como outras sociedades de seu tipo, tem permanentes dificuldades financeiras. Seu maior problema é a falta de uma sede própria. Ela funciona no edifício do antigo Colégio Lafaiete, que nos foi cedido pela saudosa senhora Alzira Lafaiete Côrtes. Mas, essa generosa cessão poderá ser interrompida. E é precisamente essa a nossa principal preocupação. Medo até, diria. Já apelamos para o governo do estado, no sentido de que não permita que cesse esse serviço de ordem pública. Ainda não conseguimos sensibilizar — em grau suficiente — as autoridades. Mas espero que isso aconteça breve.